

“não obstruídas” rumo ao “paraíso perdido”. Se não está ainda demolida, a muralha complicada, erigida pelos primeiros padres de Igreja, apresenta entretanto algumas fendas que deixam penetrar, contra a vontade, a “luz original”: mas os ardis permanecem numerosos num caminho que muitas vezes envereda pela facilidade.

É universalmente reconhecido em todas as tradições que DOIS símbolos explicam a nossa criação: trata-se do “ovo do mundo” e da “serpente”, que lhe serve de suporte. O número desses símbolos é completado pela “árvore da vida”, em estreita relação com o Sol, como veremos.

No Gênese está dito: “No começo Deus criou o céu e a terra”; muito se chicanou sobre esta frase, enquanto que a resposta está contida inteiramente na forma do “ovo do mundo” cujas duas metades separadas formam respectivamente o céu e a terra... Se substituirmos a palavra “céu” pela palavra “sol”, compreenderemos melhor porque o céu é universalmente representado sob forma de um disco. O símbolo da “árvore da vida” deve ser portanto interpretado como a imagem de uma “ponte” que vai da Terra ao Sol e é guardada pela famosa serpente.

Desenvolvendo rapidamente este simbolismo solar, eis o que obtemos: O “Tosão de Ouro” dos argonautas é colocado sobre uma árvore e sua guarda é confiada a uma serpente; o mesmo sucede com as “maças de ouro” do Jardim das Hespérides, que são assimiláveis aos DOZE sóis (Adityas) de tradição hindu. Resulta então que em todas as tradições os frutos da “árvore da vida” são outras tantas “projeções” do Sol e outras tantas manifestações de sua essência única e invisível. É admirável que esses dozes sóis se encontrem na China e nos signos do Zodíaco ou sejam os doze meses do ano. Lembremos finalmente a serpente do “paraíso terrestre” que aproximaremos do KNEPH egípcio, parente da serpente druidica, sendo essas duas serpentes representadas com o “ovo do mundo” na boca. Tais elementos devem ser retidos por quem quiser compreender o fenômeno da “cosmogênese”, ou o nascimento do nosso cosmos.

O conjunto desse simbolismo solar é dito “polar” e aqui é preciso abriremos um parêntesis: numerosos são aqueles que empregam o adjetivo “polar” sem discernimento. O que na realidade parece mais provável é a constatação de que a “so-

lidificação” de um planeta começa sempre pelo pólo, porque é o lugar em que a rotação é mais lenta. Admite-se que a parte mais “viscosa” desse planeta abra gradualmente um caminho para o equador, segundo as leis da força centrífuga. Assim sendo, foi no pólo que a vida terrestre deve ter aparecido e se desenvolvido pela primeira vez. Não é por outra razão que os famosos hiperbóreos estão situados no pólo. Como explicar nesse caso o estado desértico e gelado dessa parte do globo? É preciso admitir que esta, pelo menos uma vez, mudou de lugar, como se a Terra se tivesse balançado sobre seu eixo depois de ter recebido um gigantesco “soco”, ainda perceptível na ligeira defasagem entre o pólo magnético e o pólo geográfico.

Aceita-se atualmente por esta ou aquela razão que a vida apareceu na região “boreal” de hoje. Esse fenômeno “vital” está em estreita correlação com o simbolismo da SWASTIKA cujos dois sentidos de rotação (sinistrogiro e dextrogiro) representam os dois eixos do movimento giratório em torno dos dois pólos (norte e sul) à maneira de uma hélice de avião. O eixo dessa rotação confunde-se aqui com a “árvore da vida” ainda chamada “eixo do mundo”. Acrescentemos — para aqueles que se interessam — que a serpente, na sua simbologia hiperbórea era substituída pelo cisne, sendo o Sol representado sob a forma de Apolo hiperbóreo.

Se retomarmos sucessivamente os termos de nossa investigação, chegaremos muito naturalmente à seguinte conclusão: a parte separada do Sol tornou-se a Terra, no fim da época hiperbórea. Nosso planeta solidificou-se lentamente a partir dos pólos (no caso contrário a massa solidificada teria sido rejeitada no espaço) que viram aparecer os primeiros habitantes evoluídos do nosso globo... O Sol tornou-se o objeto de sua veneração. Foi assim que os mesmos mitos originais e os mesmos símbolos foram adorados pelos descendentes desses primeiros habitantes, que em seguida enxamearam por sobre todo o planeta. Mais tarde apareceram a Lua e outros astros, também ejetados do Sol, entre os quais Vênus (os primeiros cristãos só conheciam seis planetas, apesar das pesquisas astrológicas dos babilônios).

Resumidas dessa maneira, as diversas tradições referem-se às mesmas cosmogonias com maior ou menor precisão. Infelizmente, desde o princípio, parece que os seres humanos